

ARTIGO DE REVISÃO

HABERMAS E SUAS CRENÇAS NA RACIONALIDADE

Habermas and his beliefs in rationality

Guanis de Barros Vilela Junior^{1,2,3}

1-UEPG, Ponta Grossa, PR

2- METROCAMP, Campinas, SP

3-UNIMEP, Piracicaba, SP

RESUMO

Nesse artigo fiz uma breve reflexão sobre o pensamento de Habermas, a partir do reconhecimento da importância de sua obra na sistematização das sociedades democráticas, especialmente europeias, mas, tudo isso sob o signo de um indisfarçável idealismo presente nas entrelinhas de seus escritos supostamente racionalistas. A díade *idealismo* e racionalismo, constitui apenas polos conceituais; filosoficamente falando, isso não é problema algum, querer adequar um dos dois às cruzes indigestas do mundo contemporâneo, trata-se de um risco epistemológico que qualquer um pode assumir, afinal, isso é salutar para a ciência. O problema assume outras proporções quando as políticas públicas são normatizadas quase que exclusivamente sob o ideário do idealismo e/ou da racionalidade. Expressões que ele cunhou com admirável rigor acadêmico como *esfera pública*, *racionalidade comunicativa*, *ética do discurso* e *ação comunicativa*, são recorrentemente utilizadas pela chamada elite intelectual, não raro, de maneira muito distante do que ele escreveu sobre cada uma delas. Serão destacadas aqui, algumas crenças presentes nas principais teses de Habermas, que afinal, podem ser frutos amargos de uma espécie de ingenuidade acadêmica. Mas também é fato que o mundo está cheio de gente bem intencionada.

Palavras-chave: Habermas, racionalidade, ação comunicativa

ABSTRACT

In this article, I undertook a brief reflection on the thought of Habermas, starting from the recognition of the importance of his work in the systematization of social democracies, especially European ones. However, all of this is under the sign of an unmistakable idealism that lurks between the lines of his ostensibly rationalist writings. The duality of idealism and rationalism constitutes mere conceptual poles; philosophically speaking, this is not a problem at all. To desire to adapt one of them to the harsh realities of the contemporary world is an epistemological risk that anyone can assume, for it is indeed conducive to the advancement of science. The issue takes on a different dimension when public policies are predominantly normatized under the banner of idealism and/or rationality. Expressions that he coined with admirable academic rigor, such as the *public sphere*, *communicative rationality*, *discourse ethics*, and *communicative action*, are frequently employed by the so-called intellectual elite, often in a manner far removed from his original intent. In this context, I shall highlight certain beliefs present in Habermas's central theses, which may ultimately be bitter fruits of a sort of academic naivety. Nevertheless, it is also a fact that the world is replete with well-intentioned individuals.

Keywords: Habermas, rationality, communicative action

INTRODUÇÃO

É desafiador escrever numa perspectiva sócio epistemológica sobre algumas possíveis fissuras presentes nas teses de um intelectual brilhante, que viveu ativamente a distopia inerente à ressaca do pós-guerra na Europa e Estados Unidos, a primeira, em ruínas, física e moralmente, o segundo, comemorando os enormes ganhos bélicos e financeiros com a consolidação de uma classe média que ingenuamente pensou que o dinheiro farto garantiria a *Pax Americana* eternamente. Foi nesse cenário que Habermas elaborou ao longo dos anos 60, 70 e 80 suas principais teses. Filósofo alemão associado à Escola de Frankfurt, desenvolveu essas teses ao longo de sua carreira que contribuíram significativamente para a filosofia social e política. Aqui serão consideradas as seis principais teses de Habermas; a escolha delas, foi norteada a partir do entendimento de que as ditas democracias do mundo rico, especialmente, da Comunidade Europeia e os Estados Unidos, são de fato arremedos de democracias ou pseudodemocracias. Em uma metáfora: de nada vale banquetes luxuosos no Castelo de Windsor ou na Casa Branca, se os serviçais desses eventos, em boa parte são oriundos de famílias de imigrantes pobres que foram tolerados, afinal, alguém tem que fazer o serviço sujo. A mensagem subliminar desses eventos é clara e intencional: vejam, nós vencedores, somos assim, vocês, eternos perdedores, podem ficar com as sobras do banquete, mas com uma condição: lavem os pratos e os banheiros. As teses escolhidas foram:

- 1) Racionalidade Comunicativa: que se configura por meio da intencionalidade racional dos interlocutores em estabelecer canais de

comunicação para a solução de problemas. Nela Habermas ressalta que que a comunicação livre e aberta é fundamental para a busca da verdade e para alcançar o consenso racional.

- 2) Esfera Pública: compreendida como um espaço onde os cidadãos podem se reunir e discutir questões políticas de forma crítica e informada. Para Habermas é na esfera pública que a democracia deliberativa se consolida, pois funciona como uma espécie de amplificador dos anseios da população que ficam claros para os políticos e governantes.
- 3) Ética do Discurso: segundo a qual os princípios morais são derivados de argumentos racionais e do consenso alcançado através do diálogo onde as partes estejam dispostas ao entendimento. Trata-se portanto, de um procedimento que permite aos indivíduos chegarem ao consenso sobre normas morais, a partir de uma argumentação racional e livre de coerção. Isso contrasta com abordagens éticas baseadas em autoridade ou tradição.
- 4) Ação Comunicativa: elemento central da interação e entendimento em uma sociedade democrática, onde a linguagem desempenha um papel fundamental na formação da identidade pessoal e no entendimento mútuo. A ação comunicativa é vista como a base da interação social.
- 5) Crítica à Razão Instrumental: pois esta, se concentra no uso eficiente dos meios para atingir fins, à custa de valores éticos e humanos. Habermas

tenta uma espécie de acordo entre a racionalidade instrumental e a racionalidade comunicativa.

- 6) Transformação da Sociedade: que seria possível pelo diálogo, pela argumentação e pela participação cidadã, ou seja, os atores envolvidos estariam, diante de qualquer conflito, estariam, a priori, dispostos a transformar a sociedade de uma maneira positiva.

Essa brevíssima compilação das principais teses ou conceitos defendidos por Habermas ao longo de sua vida acadêmica foram refinados, reelaborados e conectados entre si em alguma medida, portanto, pensá-los enquanto singularidades pode levar a simplificações grotescas.

Algumas fissuras no pensamento de Habermas e seus possíveis desdobramentos

É pertinente retomar a estrutura lógica a teoria da ação comunicativa proposta por Habermas, que além de ser sua obra mais importante, ela apresenta dados que talvez sejam os responsáveis pelas fissuras que aqui discutiremos.

Segundo Habermas o ser humano age mediado por interesses e/ou carências através de suas ações. Essas ações podem ser: 1) Teleológica; 2) Normativa; 3) Dramática e 4) Comunicativa.

A ação teleológica ou instrumental é caracterizada pela lógica de que os fins justificam os meios. Por exemplo, um sujeito tem sede, por isso parou em uma padaria e comprou uma garrafa de água.

A ação normativa é aquela onde o principal objetivo é atender as expectativas dos interlocutores através de regras e condutas esperadas afinal um ser humano segue leis sociais e comportamentais. Por exemplo, uma mulher brasileira de Salvador na Bahia, jamais poderia fazer uma viagem para um país como a Arábia Saudita, levando em sua bagagem apenas as roupas mínimas e leves, adequadas a calor típico do Brasil. A única coisa em comum do Brasil com a Arábia Saudita é o calor extremo, no demais, as regras comportamentais, da vestimenta ao gestual, passando em poder dirigir um carro, ou frequentar espaços públicos sozinha simplesmente não é admitido nesse país.

A ação dramática por sua vez, está associada à autorrepresentação, à atuação que fazemos em público. Envolve portanto a representação de papéis adequados para diferentes contextos. Por exemplo, todo candidato à presidência de qualquer país, sempre deve, no meio da multidão, pegar uma criancinha no colo, pois isso passa a ideia para seus potenciais eleitores que ele gosta de crianças e trabalhará arduamente, se eleito, para acabar com os abusos de toda natureza dos quais elas são vítimas.

Finalmente, a mais sofisticada e elegante ação humana: a comunicação, a linguagem, a capacidade de dois interlocutores (por exemplo, dois candidatos à presidência da república brasileira) intencionalmente estarem dispostos ao entendimento em prol de toda a população, mesmo depois de declarado o vencedor. A ação comunicativa só é possível, após através da linguagem e do diálogo, obviamente consensual.

Identificando as fissuras no pensamento de Habermas

Agora vamos às fissuras (entendidas como pontos de vulnerabilidade) que, segundo meu entendimento, podem fragilizar algumas das propostas de Habermas.

Na tese da Racionalidade Comunicativa; Habermas não explica claramente o que é “intencionalidade racional”, como ele separa essa racionalidade de tantas irracionalidades que permeiam as vidas de todos os seres humanos, seria esse apelo à racionalidade uma ressaca fruto da irracionalidade da ascensão de Hitler ao poder? Afinal, por que a sociedade alemã permitiu tudo aquilo? Ainda nessa tese, Habermas ressalta que a *comunicação livre e aberta* é essencial para a *busca da verdade*; mas o que é *comunicação livre? Aberta? O que é verdade? Verdade de quem? Conveniente a quem?* O filósofo alemão não responde essas questões. Pergunte aos alemães de hoje, de origem germânica, se eles estão dispostos a estabelecer qualquer nível de racionalidade comunicativa com os imigrantes muçulmanos ou latinos, que só aumentam sob os mandatos de Angela Merkel? A mesma pergunta é cabível à população de imigrantes, estariam eles dispostos a se enquadrarem, numa cultura que não é sua, na qual eles não se reconhecem e não são reconhecidos pela maioria?

Em relação à tese da Esfera Pública, ou seja um *espaço onde os cidadãos podem se reunir e discutir questões políticas de forma crítica e informada*. *Que espaço é esse? Um espaço físico? Um espaço na mídia? Um espaço nas esferas de decisão? O que é discutir de forma crítica e informada? Qual é essa informação?* Essa esfera pública parece mais com aqueles espaços onde os pais deixam as crianças quando vão às compras em um *shopping center*. Um espaço de distração para as crianças ingênuas?

A tese da *Ética do Discurso* se mescla com a da racionalidade comunicativa, mas parece só existir para *pautas suaves*, como os *desmatamentos das últimas florestas tropicais do planeta*, ou *desativar todas as usinas nucleares da Alemanha, energia nuclear é muito perigosa*. Em pautas assim, o consenso é óbvio, pois todos no mundo estão em risco, mas em pautas mais difíceis como a questão da imigração massiva, a crescente e provável total dependência alemã de gás natural vindo da Rússia, o crescente nacionalismo xenofóbico na Europa, nessas, nenhum dos polos se move, na tentativa de iniciar a partir da *ética do discurso*, alguma solução. Por quê? Provavelmente porque elas mexem no bolso dos contribuintes que pagam muitos impostos e nenhum político e/ou negociante quer correr o risco de perder votos e/ou clientes.. Vários países da Europa tem dificuldade em regulamentar se as mulheres muçulmanas, imigrantes ou não, devem ou não usar véus tradicionais em seus países de origem. A dificuldade da comunicação aumenta muito em pautas mais caras, que naturalmente ficam mais espinhosas.

No auge das falaciosas democracias europeias, norte americanas, latino-americanas, asiáticas, africanas, sem exceção, todas são grotescos castelos de areia, que repetem o blábláblá farsante para enganar suas populações a pensarem que vivem no paraíso. Lamento, não vivem, basta ver a tara que os países mais ricos têm por semear guerras em países pobres e ganhar trilhões vendendo armamentos e depois que um ditador fantoche assume o poder, claro, ele será obrigado a comprar alimentos e remédios dos mesmos que venderam as armas. Então é assim que os espertinhos do planeta querem enganar os mais ingênuos?

Chegamos na pérola negra das teses de Habermas, a Ação Comunicativa, ao menos a maioria de sua legião de seguidores, por motivos óbvios, jamais ousaria falar coisas assim sobre a obra de seu mestre, mas existem exceções espalhadas pelo mundo. Mundo esse que rapidamente se despolariza, com a ascensão e futura expansão dos BRICS, é evidente que Europa e Estados Unidos já dão claros sinais de colapso social e político; olha só a história, que sábia, dando a resposta, um *revival* da Guerra do Ópio, que principalmente Inglaterra instalou na China? Os melancólicos estudantes europeus, de mochilas nas costas no verão, perturbando a vida de vilas praianas em todo o planeta, eles, não, os pais deles, que abrem as carteiras para seus príncipezinhos e princesinhas pagarem pelas drogas que consomem enquanto surfam em alguma praia em lugar do mundo. Afinal, quem vocês acham que consome as mais de 1500 toneladas de cocaína/ano? São os jovens da América Latina? Idem de opiáceos e anfetaminas? Não são, eles não tem dinheiro para isso. Só os ricos têm esses prazeres servidos em bandejas de prata e regados a whiskies baratos e bebidas energéticas. Se você ainda é jovem (menos de 30 anos) e discorda de tudo isso, parabéns, você é um mutante nesse mundo de zumbis.

As duas últimas teses de Habermas aqui discutidas são a *Crítica da Razão Instrumental* e a da *Transformação da Sociedade*; serão identificadas suas fissuras simultaneamente, pois a primeira dessas, ao utilizar a velha tática de que os fins justificam os meios, parece aquela anedota de que para matar os carrapatos matou-se a vaca. Vejamos um exemplo muito mais sério, 2ª Guerra Mundial, na Europa o Nazismo e o Fascismo tinha sido derrotado pela União Soviética e pelos estados Unidos e aliados. O Japão já derrotado; mas mesmo

assim os Estados Unidos realizaram os dois únicos ataques nucleares na história, em Hiroshima 70 mil mortes instantaneamente e mais de 60 mil mortos nos seis meses subsequentes, detalhe, 95% era população civil; três dias depois, em Nagasaki, o mesmo holocausto com mais de 80 mil mortos; uma importante correção, não foram mortos, foram assassinados. Um cruel exemplo do uso da ação teleológica de Habermas, onde para forçar o imperador japonês assinar a rendição (esse era o fim), justificam-se os meios (os holocaustos nas duas cidades japonesas). Lamento, mas toda a ética, toda falsa retórica geopolítica, nada, absolutamente nada justifica qualquer discurso acadêmico sobre a transformação da sociedade (supostamente para melhor), pois existiria em sociedade avançadas, o compromisso tácito com o diálogo. Não existe diálogo algum entre países em conflito, afinal, quem deveria dar o exemplo (os Estados Unidos), é o mais armado, o que tem mais bases militares espalhadas pelo mundo, e de tempos em tempos, alimenta a fogueira da guerra posta entre Israel e os países islâmicos. Falar em *transformação da sociedade* para Habermas, parece cantigas de ninar, quero dizer: *faça como papai quer e Papai Noel te dará um belo presente de Natal.*

Conclusão ou as crenças de Habermas

Nesse brevíssimo artigo, refletimos intencionalmente, sobre o lado B da história e da ciência. Repito, como professor e pesquisador Habermas deu contribuições importantes em sua área; fez muito sucesso e infelizmente é pouco lido pela juventude de hoje. Mas isso não o blindou de críticas vindas dos trópicos.

Em ciência não existe espaço para idolatrias mediáticas e tudo que um célebre pesquisador fala, num passe de mágica, seu rebanho de seguidores acreditam piamente (são crenças, muitas vezes não existem evidências).

Habermas secretamente deve saber o que é crença em tudo que escreveu; aqui refletimos sobre as que parecem ser mais evidentes à luz da realidade do mundo de hoje. Vivemos em um mundo que parece ter estrangulado todas as formas de crenças, especialmente naquelas que com ares de ciência, vendem *suas verdades e seus interesses*, sejam lá quais forem.

Finalizo com a história daquela benzedeira no sertão do Bahia que pensava que seus poderes religiosos eram realmente milagrosos; atendendo a pedidos, ela faz uma prece diante da vaca macérrima, infestada de carrapatos e de repente, miraculosamente, todos eles descem pelas pernas da vaca e foram ser veganos na caatinga. Passados 4 meses, a vaca engordou que estava uma beleza, toda vaidosa pascendo o ralo capim seco do sertão. Sua caridosa e salvadora benzedeira que a livrou dos carrapatos, ficou sabendo que a coitada foi vendida para o matadouro da cidade vizinha. É, o mundo está cheio de gente bem intencionada.

Referências

Habermas, J. *The Structural Transformation of the Public Sphere*, Cambridge, Polity Press. 1994.

Habermas, J. [1968] (1994), *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Lisboa, Edições 70.

Habermas, J. (1970), “On Systematically Distorted Communication”, in *Inquiry*, vol. 13, nº 3, pp. 205–218.

Habermas, J. [1972] (1998), “A Postscript to Knowledge and Human Interests”, in *Knowledge and Human Interests*, Cambridge, Polity Press, pp. 351–86.

Habermas, J. [1973] (1976), *Legitimation Crisis*, London, Heinemann.

Habermas, J. (1974), “The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964)”, in *New German Critique*, vol. 1, nº 3, pp. 49–55.

Habermas, J. [1976] (1995), *Communication and the Evolution of Society*, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. [1981a], (1986), *The Theory of Communicative Action: Reason and the Rationalization of Society*, vol. 1, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. [1981b], (1986), *The Theory of Communicative Action: The Critique of Functionalist Reason*, vol. 2, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. [1981c] (1999), “Modernity: An Unfinished Project”, in *Habermas and the Unfinished Project of Modernity*, eds. Maurizio Passerin D’Entrèves e Seyla Benhabib, Cambridge, Polity Press, pp. 38–56.

Habermas, J. [1983] (1990), *Moral Consciousness and Communicative Action*, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. [1985b] (1990), *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Habermas, J. (1986), *Autonomy and Solidarity: Interviews with Jürgen Habermas*, ed. Peter Dews, London, Verso.

Habermas, J. (1987), “Tendências de Juridicização”, trad. Pierre Guibentif, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº. 2, pp. 185–204.

Habermas, J. [1988] (1998), *Postmetaphysical Thinking*, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. (1989), *The New Conservatism*, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. [1991a] (1993), *Justification and Application*, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. (1991b), “Comments on John Searle: «Meaning, Communication, and Representation»”, in *John Searle and His Critics*, eds. Ernest Lepore e Robert Van Gulick, Oxford, Basil Blackwell, pp. 17-29.

Habermas, J. [1992a] (1996), *Between Facts and Norms. Contributions to a Discourse Theory of Law and Democracy*, Cambridge, Polity Press.

Habermas, J. [1996b] (1998), *The Inclusion of the Other. Studies in Political Theory*, Cambridge, Polity Press.

Obs.: o autor declara não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.